

Editorial – Mulheres e música em 2021: a que ponto chegamos?

Este dossiê é, antes de tudo, uma obra de resistência. Reúne a persistência de pessoas interessadas em dar visibilidade à causa das mulheres que vivem e produzem música, à coragem dessas últimas em interagir com um meio muitas vezes hostil, onde o desafio de dialogar com mídias diversas e com as múltiplas interfaces que surgem e/ou se atualizam diariamente se confundem com a vida cotidiana em meio a uma pandemia que acentua as desigualdades de gênero no que tange os cuidados com a família, com a comunidade e consigo mesma. Por isso mesmo, e não só por isso, é com imensa alegria e orgulho que convidamos a todas(os)(es) a ler os artigos que o integram!

O tema da invisibilidade das mulheres na música não é exatamente novo. Há 45 anos, em 1976, surgia o primeiro artigo da compositora e musicóloga Nilcéia Barancelli no *Jornal Brasil Mulher*, semente do que seria um dos primeiros livros em formato de dicionário sobre compositoras e suas obras, intitulado *Mulheres compositoras: elenco e repertório* (1987). Este livro, com edição esgotada, permanece como referência para as muitas pessoas que hoje se dedicam a escrever – ou reescrever - a trajetória das mulheres no restrito círculo da composição musical, por muito tempo ocupado quase exclusivamente pelos chamados Mestres da Música Ocidental.

Muitas publicações surgiram desde então, principalmente durante o século XXI, fruto da pesquisa em música em áreas como a Musicologia, a Etnomusicologia, a Educação Musical e afins.

Perguntas sobre como são, estão e tendem a ser representadas as mulheres na música foram escolhidas como ponto de partida para as reflexões propostas neste terceiro volume da Revista MusiMid. Outras são: “Quais são as plataformas utilizadas por estas novas personagens e por quem as segue, produz e/ou consome seu fazer artístico e musical? Que vertentes surgiram e se esboçam a partir de tal revolução sonora, teatral e/ou de concerto para a década que inauguramos? Quais são as formas possíveis de análise das diversas produções musicais realizadas por mulheres? E assim por diante.

Em vista da grande quantidade de textos submetidos para este dossiê, esforçamo-nos por desenhar uma sequência que contemplasse desde conceitos de base até estudos de casos, sem deixar de lado o fio da história. É nesse momento que surgem as pioneiras, que somente nos últimos anos vêm sendo reconhecidas artística e intelectualmente.

Abrindo o dossiê, Sonia Albano de Lima, no artigo *O gênero e suas diversas vertentes*, discorre sobre os vários desdobramentos pelos quais o conceito passa: da musicologia à psicologia analítica e, anteriormente a ambas, as concepções pela Filosofia Hermética do Antigo Egito e da Grécia Antiga.

O conceito de ‘gênero’ é igualmente objeto de discussão por Fernando Gonzalez, em *Reflexões sobre gênero musical e distinção no contexto da música experimental*. No artigo, o autor apresenta as dificuldades que o termo vem enfrentando ao longo da história da música ocidental, devido às múltiplas possibilidades de sua aplicação e interpretação. A discussão sobre conceitos como “distinção”, “capital subcultural” e “onivorismo cultural” tornam o debate mais fervoroso, tendo em conta os valores que as implicações do conceito de gênero envolvem.

Postos estes artigos iniciais, seguem textos sobre a mulher musicista ao longo da história, e sua imagem – em grande medida, midiática. O primeiro deles, *A representação da mulher compositora na imprensa brasileira: o que mudou do início do século XX para o XXI?*, de Klissy Kely Guimarães e Amanda Jacometti, reflete sobre “a representação das mulheres compositoras na imprensa brasileira” tendo como base “o conceito de ‘olhar opositivo’ de bell hooks e trechos de matérias jornalísticas escritas em diferentes épocas e lugares”.

Fernanda Christina Pavan e Teresinha Prada Soares comparam o preconceito sofrido pelas mulheres na criação musical com a discriminação de determinados instrumentos (no caso, a viola) em relação a outros mais valorizados, como o violino. No artigo *Estudos Culturais, enfrentamento de hegemonias e o legado musical de Lillian Fuchs* as autoras narram como a compositora, intérprete e professora estadunidense combateu tais “práticas e métodos de ensino musicais dominadas por uma tradição eurocêntrica e passadista”.

A atuação de instrumentistas mulheres em orquestras é também abordada por Lina Noronha em *Camerata Romeu: uma orquestra cubana de mulheres sob o olhar de uma instrumentista brasileira*. A autora elabora “um histórico da presença da mulher na música, em particular como instrumentista de orquestra”, comparando a “atuação de mulheres profissionais na música orquestral em Cuba e no Brasil”. Se a presença de mulheres como intérpretes em orquestras sofre determinados preconceitos de gênero, na regência seu ingresso encontra ainda mais resistência. O artigo *Quem tem medo das maestrinas? – iniciativas institucionais para a promoção e valorização de mulheres regentes na França*, de Imyra Santana, traz a interessante experiência francesa do “Tremplin jeunes cheffes d’orchestre da Philharmonie de Paris”, que levou à “criação do importante concurso La Maestra, pensado exclusivamente para mulheres regentes”.

Colaboraram em espanhol Rosa Esther Vergara Marshall, Álvaro Sebastián Bravo Martínez e Eliana Monteiro da Silva, com o artigo *Chilenas al piano: una propuesta de educación musical no formal con enfoque de género*. O texto narra a experiência da fundação Factoría Musical no projeto “Chilenas al piano: conociendo la obra de nuestras compositoras (2021)”, que consiste na produção de uma série de vídeos realizada por professores e estudantes, nos quais “se interpreta música de compositoras”.

Em notas de pesquisa, Nicole Garcia aborda a composição erudita feita por mulheres em *Uma análise da trajetória de Lycia de Biase Bidart a partir de Pierre Bourdieu*. A autora aponta que, “devido à omissão da produção artística de mulheres ao longo da história, Lycia foi pouco estudada no meio acadêmico”, pelo que ela traça um perfil da compositora, pianista e maetrina brasileira “a partir do conceito de trajetória de Pierre Bourdieu”.

Já Antonella Pons e Isabel Nogueira analisam as *Perspectivas de compositoras de Porto Alegre e Região e a relevância de uma história: lançando olhar e escuta sobre O*

Que Range, de Rita Zart. O artigo traz uma perspectiva de escuta que combina texto sonoro, texto poético e texto performance, no sentido de compreender as sensorialidades expressas por esta compositora contemporânea, que se dedica à criação de trilhas sonoras e canções eletrônicas no sul do Brasil.

A seção de *Entrevistas* é brindada com a presença de duas artistas fundamentais na música contemporânea dos séculos XX e XXI: Jocy de Oliveira e Anna Maria Kieffer. Alexandre Guilherme Montes Silva e Marcos Câmara de Castro trazem uma entrevista recente concedida por Jocy de Oliveira no artigo *Entrevista com a compositora Jocy de Oliveira – aspectos artísticos, técnicos e sociais de sua trajetória como criadora*, onde nos dão a conhecer muitas das particularidades da pianista, compositora e artista “multimídia” – no entendimento de alguns –, que rompeu com muitas fronteiras na linguagem musical, além de criar novos paradigmas para a música contemporânea. Os autores trazem aspectos do pensamento composicional da autora, dados sobre sua trajetória profissional, e também sobre as dificuldades de aceitação da composição de autoria feminina.

Uma conversa instigante com a cantora lírica, musicóloga, compositora e produtora cultural Anna Maria Kieffer é conduzida por Laiana de Oliveira no artigo *Pioneirismo musical: entre a música antiga e a música nova. Uma entrevista com Anna Maria Kieffer.* Juntas, elas discutem as contribuições trazidas por Kieffer para o “desenvolvimento do uso da voz e da escrita vocal”, a pesquisa musicológica sobre a música brasileira antiga, o protagonismo na música contemporânea e os lugares que a mulher consegue ocupar.

Por sua vez, a dramaturgia da sofrência é analisada por Thiago Soares, Heloísa Freitas Macedo e Joyce Santos Lacerda numa justa homenagem à cantora e compositora Marília Mendonça, falecida no início de novembro, no auge da fama. No artigo *A dramaturgia da sofrência: homenagem a Marília Mendonça*, termos como “jovialização do gênero musical”, “feminejo”, entre outros, dão o tom das novas posturas e conquistas levadas adiante por esta artista carismática e que resultaram em estabelecer novos valores, que vêm a definir outras representações do “ser mulher”. Neste panorama, a expressão por meio das linguagens da mídia tem papel fundamental.

Na seção de resenhas, a França marca presença no artigo *O Sotaque francês da música popular brasileira*, de Laura Taddei Brandini. A partir do livro “A França na

música popular brasileira do século XX, de Nancy Alves” (2021), o texto lança luz sobre “a importância dos diálogos culturais que perpassam a construção da música brasileira na primeira metade do século XX”.

No item relatos, Christiane Mangilli Ayello Nascimento discorre sobre o 17^o *Encontro Internacional de Música e Mídia. La vie en rose? Música e Mídia em tempos tóxicos* (15 a 17 de setembro de 2021).

Por último, mas não menos importante, a arte da capa realizada por Gau Luz reflete a diversidade e as inúmeras possibilidades de inclusão das mulheres em todas as áreas da música. A começar por Clara Schumann, representada na ilustração ao lado de outras figuras criadas por Gau Luz a partir de personagens reais ou de seu imaginário, estas mulheres estão por aí, em todos os cantos, se fazendo ouvir e escutando também os sons de seu tempo e de outros.

É evidente que este número da Revista não contempla todos os nomes que gostaríamos de apresentar. Passados três mil anos de música, ainda estamos no começo de uma história que precisa ser conhecida. Este número representa, de algum modo, uma reivindicação de direitos.

Boa leitura!!

Eliana Monteiro da Silva, Isabel Nogueira e Heloísa de A. Duarte Valente